

BREVE ANÁLISE DO SIGNO *NEGRO(A)* NO CONTO *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, À LUZ DA SEMIOLOGIA SAUSSURIANA

BREVE ANÁLISIS DEL SIGNO *NEGRO(A)* EN EL CUENTO *MARIA*, DE LA CONCEIÇÃO
EVARISTO A LA LUZ DE LA SEMIOLOGÍA SAUSSURIANA

BRIEF ANALYSIS OF THE *BLACK* SIGN IN THE STORY *MARIA*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO IN
THE LIGHT OF SAUSSURIAN SEMIOLOGY

Feliciano José Bezerra Filho*

Maxswell Brito Oliveira**

Universidade Estadual do Piauí

RESUMO: A língua, enquanto componente de linguagem, é parte integrante da estrutura social humana. Em decorrência disso, a língua cria e reproduz traços de desigualdade pautados em sua formação histórica e nas relações de poder a que é submetida. No Brasil, a língua portuguesa possui palavras e expressões que contêm o que chamamos de semântica racista, como é o caso do signo *negro(a)*. Pretende-se, portanto, promover uma breve análise semiológica do signo *negro(a)* utilizando o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, com base nos estudos de Ferdinand de Saussure (2006), além de conceitos desenvolvidos por Gabriel Nascimento (2019), Frantz Fanon (2020), João Teixeira Carvalho Netto (1983), entre outros, a fim de demonstrar como o signo pode sofrer alteração em seu significado, posicionando a Semiologia como ferramenta ao combate do racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: Semiologia Saussuriana. Racismo linguístico. *Maria*, de Conceição Evaristo.

RESUMEN: El lenguaje, como componente del lenguaje, es una parte integral de la estructura social humana. Como resultado, el lenguaje crea y reproduce huellas de desigualdad a partir de su formación histórica y de las relaciones de poder a las que está sometido. En Brasil, el idioma portugués tiene palabras y expresiones que contienen lo que llamamos semántica racista, como es el caso del signo *negro(a)*. Se pretende, por tanto, promover un breve análisis semiológico del signo *negro(a)* a partir del cuento *Maria*, de Conceição Evaristo, a partir de los estudios producidos por Ferdinand de Saussure (2006) sobre semiología, además de otros conceptos desarrollados por Gabriel Nascimento (2019), Frantz Fanon (2020), João Teixeira Carvalho Netto (1983), entre otros,

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), na graduação e no mestrado acadêmico em Letras. E-mail: felicianojose@cchl.uespi.br.

** Mestrando em Letras na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: mxbrt@hotmail.com.

con el fin de demostrar cómo el signo, a pesar de su formación, puede cambiar su significado, posicionando a la Semiología Óptica como una herramienta para combatir el racismo estructural.

PALABRAS CLAVE: Semiología saussureana. Racismo lingüístico. *Maria*, de Conceição Evaristo.

ABSTRACT: Language, as a language component, is an integral part of the human social structure. As a result, language creates and reproduces traces of inequality based on its historical formation and the power relations to which it is subjected. In Brazil, the Portuguese language has words and expressions that contain what we call racist semantics, as is the case of the *black* sign. It is intended, therefore, to promote a brief semiological analysis of the *black* sign using the short story *Maria*, by Conceição Evaristo, based on studies produced by Ferdinand de Saussure (2006) about semiology, in addition to other concepts developed by Gabriel Nascimento (2019), Frantz Fanon (2020), João Teixeira Carvalho Netto (1983), among others, in order to demonstrate how the sign, despite its formation, can change its meaning, positioning Optical Semiology as a tool to combat racism structural.

KEYWORDS: Saussurean Semiology. Linguistic racism. *Maria*, by Conceição Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem constitui-se como elemento importante na formação do indivíduo e na forma como ele se relaciona com o mundo, sendo o uso da língua uma forma do sujeito dominar o mundo que o rodeia. Seguindo a teoria concebida por Ferdinand de Saussure (2006) ao desenvolver o conceito de semiologia, a língua é formada por um conjunto de signos, ou seja, unidades mínimas dotadas de sentido, aos quais são atribuídos sentidos ou significados com base na construção histórica e cultural de um povo, dentro de uma sociedade.

Nesse sentido, a língua mostra-se como parte integrante da estrutura social, apresentando-se como instituição, ao lado, por exemplo, de outras, como a política, a família, e a igreja. Por fazer parte da estrutura social, a língua possui relação íntima com o sujeito, resultando, entre outros fatores, na construção de relações de poder. Cumpre ressaltar, porém, que a concepção de língua como estrutura social limita, de certo modo, a percepção do discurso. É necessário destacar que, além de uma instituição social, a língua deve ser vista também sob a ótica do seu funcionamento, ou seja, a forma em que é utilizada.

Levando-se em consideração a língua portuguesa como instituição social, é possível observar que a sua formação foi pautada por um processo de opressão resultante do colonialismo, ocorrido após a chegada dos portugueses ao Brasil e da adoção do sistema escravocrata, que resultou no surgimento e na propagação do racismo no país de forma estrutural.

Não é difícil notar que a língua portuguesa é permeada de termos e expressões com sentidos conotativos, que expressam a desigualdade social resultante de séculos de opressão, principalmente contra o sujeito negro, cujo signo está carregado de significado negativo, pejorativo, ilegal, imoral e subumano. Com base nos estudos desenvolvidos por Saussure (2006) acerca do signo e dos significados que a ele podem ser atribuídos, será desenvolvida uma análise concisa do conto *Maria*, da escritora brasileira negra Conceição Evaristo (2016). A investida partirá do uso do signo *negro* sob diferentes perspectivas, a fim de corroborar a tese de Saussure (2006) de que o signo pode passar pelo processo de alteração de significado.

O presente estudo foi desenvolvido com base no *Curso de linguística geral*, de Saussure (2006), e no livro *Racismo linguístico*, de autoria de Gabriel Nascimento (2019). Também foram utilizados teóricos como Frantz Fanon (2020), João Teixeira Carvalho Netto (1983), Silvio Luiz de Almeida (2021) e Grada Kilomba (2019), a fim de demonstrar a existência do racismo linguístico, notadamente relacionado ao signo *negro*, dentro da língua portuguesa. Buscar-se-á, ainda, apresentar como a Semiologia pode auxiliar no combate ao racismo estrutural no Brasil.

2 LINGUAGEM, LÍNGUA E SIGNO

Em sua obra póstuma *Curso de linguística geral*, Saussure (2006) concebe a linguagem como uma forma do indivíduo expressar-se, utilizando a língua como instrumento. Para o linguista, a linguagem é formada por um lado individual e outro coletivo, coexistindo de forma indissociável.

Saussure (2006, p. 27) informa que o estudo da linguagem compreende duas dimensões:

[...] uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física.

Ampliando essa assertiva saussuriana, pensemos, com Franz Fanon (2020, p. 52), que, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, declara: “[...] falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura”. Por esta simples declaração é possível concluir a relevância da linguagem para as relações sociais e para a identificação do indivíduo no mundo. Para Saussure (2006, p. 24), “a língua constitui uma instituição social”, ou seja, é “[...] um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2006, p. 17). É por meio da língua que o indivíduo se manifesta e existe socialmente, podendo expressar seus sentimentos, pensamentos e ideias.

Antes de tudo, é necessário compreender que a língua é anterior ao indivíduo, uma vez que esta “[...] apresenta-se [...] como um sistema preexistente, uma instituição social que acumulou historicamente uma série de valores” (Netto, 1983, p. 18). Nesse sentido, o sujeito assimila uma língua a qual é submetido durante a vida, seja ao nascer em um determinado local, seja ao deslocar-se geograficamente e deparar-se com novas formas de linguagem. Como João Teixeira Carvalho Netto (1983, p. 15) aponta, a linguagem “[...] não deve ser entendida como simples sistema de sinalização, mas como matriz do comportamento e pensamentos humanos”. Ou seja, a linguagem constitui-se como meio pelo qual o homem vai expressar-se.

Para Gabriel Nascimento (2019, p. 20, grifo do autor): “Se, por um lado, o sujeito se submete à língua, por outro, a língua muda por meio do sujeito e das convenções criadas através da *língua* que não *são* autoconscientes. Por isso, as línguas têm sujeitos por trás delas. De outra forma, as línguas não são neutras e sempre são atravessadas por processos de poder, como os próprios sujeitos”.

A relação simbiótica entre sujeito e linguagem faz com que ambos sofram intervenções e modificações advindas dessa associação. Porém, como Nascimento (2019) bem pontua, por ter uma relação íntima com o sujeito, a língua também será afetada por processos de poder. Em igual sentido, para Frantz Fanon (2020, p. 31) “[...] um homem que possui a linguagem possui, por conseguinte, o mundo expresso por essa linguagem e implicado por ela”. Ou seja, a própria língua figura como elemento de poder, e toda relação de poder envolve desigualdades ao estabelecer determinado sujeito como opressor e outro como oprimido, como foi o caso do colonialismo. Como ensina Nascimento (2019, p. 19), “[...] a linguagem passou a figurar como uma das maiores ferramentas usadas para o processo de dominação dos não brancos”, haja vista o colonizador saber que por meio da destruição da história e da cultura do sujeito – e aqui destaca-se que a linguagem está inserida nesses elementos – é que se pode atingi-lo e, consequentemente, dominá-lo.

Segundo a linguística saussuriana, a língua é formada por signos que exprimem ideias, os quais são unidades mínimas dotadas de sentido. Ao relacionar esses signos com a vida social, surge a semiologia, a qual foi desenvolvida pelo linguista.

Os estudos desenvolvidos por Saussure (2006) acerca da língua procuram compreender como um signo apresenta-se dotado de determinado significado dentro de um contexto social. A união desses signos servirá para desenvolver uma língua ou linguagem particular. Para Saussure (2006), o signo linguístico é formado por duas partes essenciais: o significante – parte material do signo – e o significado – conceito associado à parte material. Na teoria saussuriana, o vínculo entre o significado e significante do signo tem caráter arbitrário, uma vez que o significado não guarda necessariamente relação com o objeto representado. Nesse sentido, traz-se o entendimento de Netto (1983, p. 22-23) ao afirmar que “[...] a significação de um signo não deve ser confundida com o significado desse mesmo signo. O significado é o conceito ou imagem mental que vem na esteira de um significante, e significação é a efetiva união entre um certo significado e um certo significante”.

O significado dado a um determinado signo é resultante de um processo histórico e cultural em que haja a aceitação de uma massa falante por meio de um hábito coletivo, constituindo, portanto, a língua como um sistema complexo (Saussure, 2006), o qual “[...] produz as situações relacionais que dão significado aos sujeitos e às estruturas de poder” (Nascimento, 2019, p. 23). Para Saussure

(2006, p. 86), “[...] nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal”.

Ou seja, a língua é um sistema carregado de sentidos que, de certo modo, independem do sujeito que vai usá-la. Desse modo, Stuart Hall (2006, p. 40) defende que “[...] falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Esses significados são resultado de um processo de construção histórico e cultural que está além do indivíduo.

Desse modo, por estar ligada ao sujeito, compreende-se que a língua guarda em si um caráter segregador pautado nas relações de poder. No processo de colonização, por exemplo, o domínio da língua do colonizado constitui fator essencial para a imposição do poder do colonizador, como aconteceu com os povos indígenas e africanos no Brasil, os quais tiveram não somente sua língua suprimida, mas também toda a sua história e cultura, reduzindo estes povos a seres inumanos. Com isso, surge o que pode ser denominado como racismo linguístico, ou seja, uma língua permeada por desigualdades, resultante de processos históricos, culturais, sociais e políticos, conforme será demonstrado a seguir.

3 RACISMO LINGUÍSTICO

O Brasil foi colonizado por Portugal durante mais de trezentos anos, resultando em um intenso processo de exploração da terra e do povo que aqui existia. Não obstante, ao praticamente dizimar os aborígenes, passou-se a adotar o sistema escravocrata e, com isso, houve a migração de milhares de africanos para terras brasileiras, os quais foram vítimas de verdadeira desumanização ao terem sua cultura, sua história e sua identidade – isso envolve a linguagem – podadas.

Com isso, por meio do processo de colonialidade, é possível perceber que o Brasil se constitui como um país visivelmente racista. Silvio Luiz de Almeida (2021, p. 50) defende a teoria de que o racismo presente no Brasil tem caráter estrutural, isto é, origina-se “[...] da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

Em igual sentido, Grada Kilomba (2019) afirma que o racismo possui o aspecto estrutural pois exclui as pessoas negras das estruturas sociais e políticas, as quais, manifestamente, privilegiam uma parte da sociedade historicamente opressora. Ou seja, o racismo no Brasil é resultante de uma construção histórica e cultural que forma sua estrutura social, pautada na desigualdade.

É preciso entender que, se a língua faz parte da estrutura de uma sociedade, o racismo também estará presente nesta instituição. Nascimento (2019, p. 19) informa que: “Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a *língua é uma posição nessa estrutura* [...] o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação”.

Notadamente, a língua portuguesa, dada a sua formação histórica e cultural, é permeada de palavras e expressões de cunho racista e preconceituoso, o que promove o fortalecimento do racismo estrutural no Brasil, ainda que de forma inconsciente. Nesse sentido, leciona Nascimento (2019, p. 80) que “[...] o colonialismo criou um sistema permanente de signos coloniais [...] que foram e são responsáveis pela manutenção de um racismo estrutural e suas formas mais diversas, como as formas de racismo linguístico”.

Esses signos coloniais, como pontua o autor, promovem a segregação de uma raça por meio da conotação negativa que é atribuída a determinados signos, principalmente ao signo *negro*. “O termo *negro* deriva da relação de propriedade gerada durante séculos de trabalho escravo” (Nascimento, 2019, p. 40). Ou seja, o significado negativo que é atribuído ao signo *negro* nos dias atuais é resultante de todo o processo de colonialismo, no qual o indivíduo localizado como negro – seja pela cor de sua pele, seja pela cultura a que pertencia –, foi escravizado, diminuído, reduzido a um ser não humano. Por isso, o signo *negro* carrega em si conotação negativa, pois historicamente foi associado a algo sem valor.

Em decorrência disso, “[...] criou[-se] uma série de construções de sentido ligadas a uma negatividade que, diacronicamente, fez surgir vários usos semânticos negativos em torno do *negro*” (Nascimento, 2019, p. 40), comprovando aquilo que Saussure (2006) defende em sua teoria, de que a língua é formada por signos que carregam significados que variam com base no contexto social em que está inserida. Sob a perspectiva do movimento antirracista, as contribuições de Saussure (2006) são significantes, haja vista promover a desnaturalização da língua enquanto construção social.

Ao se fazer uma análise histórica e etimológica de palavras como *mulata*, *doméstica* e *denegrir*, é possível perceber traços de colonialidade e de racismo em seus significados. Vejamos, então, alguns termos e expressões adotadas na língua portuguesa que possuem significado racista.

O signo *mulata*, que geralmente é utilizado para designar a mulher mestiça, resultante das raças negra e branca, tem origem na palavra *mula*, que é o cruzamento entre o burro e a égua. Historicamente, o termo tem origem nos abusos sexuais sofridos pelas mulheres negras por seus senhores brancos, resultando na geração de crianças mestiças, as quais eram chamadas de mulatas. Nesse sentido, é possível observar o significado pejorativo da palavra *mulata* ao fazer associação com um animal, inferiorizando a cor e a história do indivíduo.

Outro signo bastante utilizado socialmente é o de *doméstica*, o qual se refere às mulheres que trabalham cuidando e limpando as casas de outras pessoas. O termo também possui origem histórica e refere-se às mulheres negras que trabalhavam nas casas de famílias brancas e, por isso, eram consideradas domesticadas, referindo-se mais uma vez ao negro como um animal selvagem que precisa ser domado.

Além de historicamente o escravo negro ser equiparado a animais, por vezes também foi reduzido a objeto. Ressalta-se o que Bruna Rocha e Cássio Santana (2020, p. 7) afirmam: “[...] o racismo se organiza a partir do paradigma binário sujeito-objeto”, em que o escravo perde sua identidade como indivíduo, tornando-se mero objeto na mão do colonizador.

Da cor do pecado é uma expressão bastante utilizada e que carrega conotação racista, apesar de ser usada como elogio. Refere-se à hipersexualização da mulher negra, tratando-a como objeto. Ademais, levando em consideração a questão religiosa, ensina Kabengele Munanga (2020, p. 26): “[...] a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba, e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinho”. É em decorrência disso que, geralmente, o signo *negro* é associado ao pecado, ao mal, ao que desagrada a Deus.

Tais expressões são comuns em diálogos informais e podem ser facilmente observadas. Contudo, deve ser levado em consideração toda a carga significativa que é atribuída ao signo *negro* e evitar certas expressões, usando substitutos, tais como “mercado clandestino”, “lista proibida”, “humor ácido” e “rebeldia”.

O verbo *denegrir* também possui carga racista, ao ter sua origem etimológica no sentido de “tornar-se negro”, atribuindo a este efeito algo negativo, ofensivo, que pode causar a mancha da honra.

O uso de expressões como as citadas acima, ou seja, quando associam inferioridade ou negatividade ao signo *negro*, contribuem para a construção de uma visão, permeando o imaginário social, que reforça estereótipos e favorecem o enrijecimento do racismo estrutural no Brasil.

Portanto, é possível observar que existem, na língua portuguesa, várias expressões de conotação racista, originadas historicamente, associando o negro a algo negativo ou pecaminoso, ou relacionando-o a um animal, ou reduzindo-o a um objeto. Essas expressões e o seu uso reforçam o racismo estrutural presente no Brasil. Contudo, o uso propriamente do signo *negro* ainda causa muita controvérsia e é temido por parte dos falantes, que não o usam com medo de declararem-se racistas. Posto isso, passar-se-á a uma breve análise do conto *Maria*, de Conceição Evaristo, em que a autora utiliza o signo *negro*, atribuindo-lhe significados diferentes.

4 A QUESTÃO DO SIGNO NEGRO E UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Para melhor exemplificar a questão do significado atribuído ao signo, passa-se à análise do conto *Maria*, de autoria de Conceição Evaristo, o qual foi publicado inicialmente nos *Cadernos Negros*, no ano de 1991, e, posteriormente, passou a fazer parte da coletânea de contos que compõem o livro *Olhos D'água*, lançado pela Pallas Editora em 2016.

Conceição Evaristo é uma escritora negra de renome no cenário brasileiro atual. Seus textos abordam temas socialmente relevantes, tais como racismo, feminismo, questões de classe, entre outros. Cunhou o termo *escrevivência* ao usar a escrita como forma de contar a história de sua própria vida e a de tantas outras mulheres e homens negros, vítimas da desigualdade social.

Cumprir destacar inicialmente que o conto *Maria* é marcado por traços de gênero, classe e raça. Ao iniciar a narrativa, é apresentada ao leitor a protagonista, Maria, uma mulher, mãe, trabalhadora do lar, que está aguardando para embarcar em um ônibus para ir para casa, após o trabalho árduo. Até aqui, Conceição Evaristo situa a personagem quanto à sua classe e ao seu gênero, ambos considerados subalternos socialmente.

Ao embarcar no ônibus, Maria depara-se com seu ex-companheiro e pai de seu primeiro filho. Trocam confissões de carinho e saudades através de sussurros antes que o homem anuncie um assalto ao sacar sua arma. Maria é poupada do assalto, mas, ao passo que os assaltantes – entre eles, o seu ex-companheiro – descem do veículo, a mulher é automaticamente acusada de estar associada ao crime. Revoltados, passageiros do ônibus exclamam: “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois” (Evaristo, 2016, p. 41).

Observa-se que há especificamente uma grande problematização nos signos *negro/preto*, isso porque tais termos guardam significado que remonta ao período colonial e são associados com algo negativo, pejorativo, sem valor. Como leciona Nascimento (2019, p. 80): “Negro é uma criação da opressão direta do colonialismo durante séculos de tráfico negreiro e escravidão”. Associado quase sempre a este período sombrio da história, o signo *negro* foi marcado de forma negativa, geralmente atrelado a um pensamento ou a uma ideia que reforcem o conceito do racismo.

No trecho destacado do conto *Maria*, é possível observar que o signo *negra* está dotado de significado negativo e pejorativo, ao ser expressado como ofensa ao lado de outros termos de baixo calão citados em outros momentos do texto, tais como “safada”, “atrevida” e “puta”. Muitas vezes, o signo *negro* é utilizado como adjetivo para informar que algo é pejorativo, prejudicial ou ilegal, como nas expressões *mercado negro*, *magia negra*, *humor negro* e *ovelha negra*.

Em outro momento da narrativa, uma personagem diz: “Olha só, a negra ainda é atrevida” (Evaristo, 2016, p. 42). Nesta construção frasal é possível perceber toda a carga histórica carregada pelo signo *negra*, no sentido de que Maria, por ser mulher negra, deveria ser submissa, uma vez que lhe é suprimido o direito de resposta. Sua voz é calada. Maria é impedida de defender-se por um crime do qual está sendo acusada injustamente, cenário semelhante que remonta ao período da escravidão operada pelo colonialismo, quando os escravos eram severamente punidos sem direito ao contraditório. Marcada negativamente por seu gênero, sua classe e sua raça, Maria tem fim trágico, linchada até a morte por um crime que não cometeu. Essa é a realidade de um país visivelmente pautado no racismo.

Compreende-se que, na língua portuguesa, as atribuições negativas dadas ao signo *negro* nos dois exemplos extraídos do conto de Conceição Evaristo tiveram origem como resultado de um sistema que exercia poder opressor – o colonialismo. Tais palavras e expressões permanecem até os dias atuais, mesmo contendo conotação negativa, pois “[...] a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (Saussure, 2006, p. 27). Ou seja, foi por meio da constante reprodução pela coletividade, seja de forma consciente ou não, que expressões racistas permanecem até os dias de hoje.

Observa-se que há determinadas expressões que são camufladas de elogios, mas que promovem a discriminação do negro ao tentar branqueá-lo. O indivíduo, ao falar expressões como *negra(o) de traços finos* e *negra(o) bonita(o)*, reforça a cultura do branqueamento,

com base na ideologia de democracia racial, que, segundo Almeida (2021, p. 178-179), “[...] consiste em afirmar a miscigenação como uma das características básicas da identidade nacional, como algo moralmente aceito em todos os níveis da sociedade, inclusive pela classe dominante”. Ou seja, é suprimir a existência do racismo no Brasil por meio de expressões que tendem a suavizar o significado negativo atribuído ao negro durante séculos de opressão. Falar “negro bonito” é afirmar que aquele indivíduo foge à regra de que, segundo a classe dominante, todo negro é feio.

De forma dicotômica, ao passo que o signo *negro* está sempre relacionado com algo negativo, o signo *branco* tem significado oposto, o que também contribui para reforçar a questão racial. Expressões como *amanhã é dia de branco*, referindo-se ao trabalho de segunda-feira e deduzindo que as atividades desenvolvidas pelos negros não eram consideradas trabalho, já que fruto da escravidão, ou *preto com alma de branco*, numa tentativa frustrada de elogiar alguém, ao inferir que a honestidade é algo apenas de indivíduos brancos, ou ainda *inveja branca*, um eufemismo que associa o branco a algo positivo, são formas de preconceito linguístico que, ao serem utilizadas, enrijecem o racismo no Brasil. Nesse sentido, é possível notar a relevância do significado atribuído ao signo dentro do contexto em que é falado. Como Nascimento (2019, p. 19) pontua, “a definição de ‘negro’ precisa ser problematizada”.

Não é apenas por causa da coletividade – massa falante – que a língua é consolidada, mas outros fatores estão envolvidos, tais como o tempo, uma vez que se está constantemente relacionando-se o presente com o passado, o que subtrai do indivíduo parte do poder de escolher (Saussure, 2006).

Contudo, usar a justificativa de que determinadas palavras e expressões devem permanecer sendo usadas com base na massa falante e no tempo em que já são utilizadas é destituir da língua o seu caráter evolutivo. Segundo Saussure (2006), é possível que o signo possa sofrer alteração. Logo, tanto o signo *negro* como outras palavras que contenham significado negativo, associadas à raça, podem passar por um processo de alteração para o combate ao racismo, no intuito de não se perpetuar a negatividade da figura do sujeito negro. É salutar que em uma sociedade visivelmente racista, como a brasileira, deva-se promover ações e conscientizações que auxiliem no combate ao racismo estrutural, como é o caso do abandono de uma palavra ou expressão ou da modificação de seu sentido.

O efeito de mudança do significado de um signo, tratado por Saussure (2006), pode ser observado quando Conceição Evaristo (2016, p. 42) utiliza o signo *negro* mais uma vez, em outro trecho: “Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho”. A frase localiza-se dentro da narrativa quando um menino, que também estava no ônibus de Maria, o qual havia sido acabado de ser assaltado, vem em defesa da mulher ao afirmar que ele também não tinha sido assaltado, que não estava associado aos assaltantes e não sofreu nenhuma espécie de repressão como a mulher estava sofrendo.

O uso do signo *negro* ao referir-se ao menino ganha novos contornos, não mais de negatividade, nem é pejorativo. A frase é construída com sentido diverso das outras em que o signo *negra* foi utilizado por Conceição Evaristo durante o conto. Desta vez, é possível perceber que o signo *negro* está sendo atribuído ao rapaz de forma positiva, ao identificá-lo como pertencente a uma raça. O rapaz parecia com o filho de Maria e, como foi ela mesma quem o descreveu, é possível perceber certa carga emotiva, afastando qualquer sentido negativo do signo *negro*.

Com o uso repetido em diferentes contextos do signo *negro*, Conceição Evaristo prova que o significado atribuído a determinado signo é resultante de processos de cunho histórico, social, cultural e político. Contudo, como provoca Nascimento (2019, p. 29), “[...] a definição de ‘negro’ precisa ser sempre problematizada e, a meu ver, vai sempre ser significada (isto é, ganhar significado) de acordo com quem usa esse conceito”. Ao usar uma nova conotação ao signo *negro*, atribuindo-lhe valor positivo, de identidade, Conceição Evaristo prova que é possível dar novos contornos a um signo, corroborando o que Saussure (2006) defende, que o signo possui condições de alterar-se.

Por isso a relevância do estudo semiótico da língua portuguesa promover a conscientização do indivíduo de práticas racistas, que podem ser desenvolvidas até mesmo de forma não intencional. Apropriar-se dos estudos semióticos pode ser forte ferramenta para o combate ao racismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem representa ao sujeito a forma de ele se expressar socialmente e, por isso, constitui-se como uma instituição social. Desse modo, compreende-se que a língua, parte integrante da linguagem, é construída através de fatores extrínsecos ao indivíduo, tais como história, cultura, política, entre outros. Analisando a língua por este aspecto, conclui-se que ela e o sujeito relacionam-se, estruturando relações de poder.

Segundo Saussure (2006), a língua é um conjunto de signos, os quais são unidades mínimas dotadas de sentido. Para a semiologia saussuriana, esses sentidos são formados por meio do contexto social. Quando este contexto social é desenvolvido baseado em modelos de opressão, ocasiona disfunção na língua, tornando-a desigual. No caso do Brasil, como a língua portuguesa foi formada historicamente no colonialismo, na exploração de escravos africanos, é possível perceber diversas palavras e expressões que corroboram o racismo estrutural presente no país.

Expressões como *mulata*, *doméstica*, *denegrir* e *da cor do pecado* objetificam ou animalizam o indivíduo por meio de sua raça, provocando ainda mais a desigualdade e a segregação do sujeito. Não obstante, o signo *negro*, o qual foi criado no período do colonialismo pela branquitude, tornou-se sinônimo de sujo, imundo, pecaminoso, maldoso, malfeito, entre outras tantas conotações negativas. Expressões como *a coisa tá preta*, *serviço de preto*, *mercado negro*, *magia negra*, *humor negro*, *ovelha negra* e até mesmo o verbo *denegrir*, usadas sempre com o sentido negativo, reforçam ideias racistas de desvalorização do negro.

A partir da análise feita do conto *Maria*, de Conceição Evaristo (2016), é possível perceber que o signo pode passar por alteração de seu significado. Evaristo (2016) utiliza o signo *negro* quatro vezes em seu texto, três vezes com o sentido negativo e uma com o sentido oposto. É possível perceber aquilo que Saussure (2006) ponderou ao afirmar que o significado de um signo depende de vários fatores, entre eles a massa falante e o tempo. Contudo, o significado de um signo pode ser alterado partindo-se, por exemplo, da discussão e da reanálise do significado, como o estudo aqui promoveu. O signo *negro* com a conotação negativa, utilizado na maioria das vezes, hoje é resultado de longo e doloroso processo histórico. Contudo, com o auxílio da semiologia, é possível reavaliar a forma de uso não somente da palavra *negro*, mas também de outras expressões dentro da língua portuguesa, como forma de se combater o racismo estrutural no país.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2021.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*; Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação*: Episódio de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MUNANGA, K. *Negritude*: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- NASCIMENTO, G. *Racismo linguístico*: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- NETTO, J. T. C. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

ROCHA, B.; SANTANA, C. Por uma semiótica antirracista. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43, 2020.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.



Recebido em 21/09/2022. Aceito em 09/12/2022.